

Ulysses tenta reassumir o comando do PMDB

Ele quer recuperar terreno e unir o partido a fim de dominar as votações na Constituinte

O deputado Ulysses Guimarães quer reassumir o comando do PMDB, reabilitando a posição inconstrutível que detinha antes da eleição de Mário Covas para liderar na Constituinte. Depois de ter concluído um acordo com 17 dos 23 coordenadores de bancadas, a ala mais conservadora do partido, o presidente do PMDB já marcou um encontro com Mário Covas para a próxima segunda-feira, em Brasília, a fim de acertarem formas de união do partido.

O líder do Governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, tomou café da manhã com o presidente José Sarney analisando as implicações políticas do acordo do grupo moderado com Ulysses e as perspectivas de entendimento entre a esquerda e a direita na Constituinte, no estágio que agora se inicia do trabalho das comissões temáticas. Depois, em telefonema a Ulysses, sugeriu que ele coordene o entendimento entre as duas correntes para evitar que a Constituição seja uma contradição colcha de retalhos.

ENTENDIMENTO

O presidente do PMDB achou "bem pensada" a sugestão de Sant'Anna. Mas, na verdade, ele já tinha decidido tomar uma iniciativa para que as duas correntes, representadas em todas as comissões temáticas, reunam-se para encontrar decisões consensuais a

respeito dos temas capitais que estão em exame — desde a reforma agrária ao grau de intervenção do Estado na economia, entre outros.

A noite de anteontem, antes mesmo que o deputado Carlos Sant'Anna fizesse a sugestão, Ulysses já tinha convocado à sua casa o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, a quem transmitiu o seu desejo de que as lideranças procurem coordenar os entendimentos entre as duas correntes ideológicas na tentativa de encontrar um denominador comum, evitando decisões disparatadas, como as da Comissão de Princípios Gerais, que aboliu a propriedade da União sobre as riquezas do subsolo e limitou o monopólio estatal do petróleo à lava e pesquisa.

Ontem, entre 16 e 17 horas, o líder do Governo, deputado Carlos Sant'Anna, visitou o senador Fernando Henrique Cardoso, a quem pediu colaboração para a tarefa de uma negociação entre as duas correntes nas comissões temáticas. Cardoso disse que estava disposto a realizar esforços nesse sentido, revelando a Sant'Anna que Ulysses já tinha solicitado sua colaboração.

— O Ulysses tinha me pedido uma colaboração, argumentando que a Constituinte não pode ficar dividida entre algumas comissões em que a esquerda tenha 55 por cento de maioria contra 45 da direita e ou-

tras em que a direita tenha essa maioria. Vamos trabalhar em busca de soluções consensuais, disse o senador.

Continua a predominar entre os amigos do líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, a impressão de que Ulysses concluiu um acordo com a facção conservadora do partido na tentativa de isolar Covas. Ontem pela manhã, Ulysses telefonou para o deputado Antônio Perosa, um dos amigos íntimos de Covas e seu vice-líder, acertando um encontro para a mesma tarde.

Ulysses procurou justificar o acordo com os moderados como parte de sua iniciativa no sentido de estabelecer a unidade partidária, que considera indispensável para que o partido confira à futura Constituição a sua marca, a influência de seu programa e de seus compromissos históricos.

O presidente do PMDB acertou com Perosa uma reunião com o líder Mário Covas na próxima segunda-feira para acertarem uma ação comum. Covas estava ontem em Porto Alegre, convidado a proferir uma conferência sobre a Constituinte no PMDB gaúcho. Hoje, estará de volta a São Paulo, onde ficará até a manhã de segunda-feira para participar de reunião do Diretório Regional do Partido — que já não vai tratar do proble-

ma da duração do mandato de Sarney. Perosa acha que à tarde de segunda-feira Covas estará de volta a Brasília, quando poderá se reunir com Ulysses e outras lideranças do PMDB a fim de tratar do tema reunificação partidária.

Entre os amigos de Covas permanece a convicção de que Ulysses procura deixar o líder do PMDB na Constituinte sem alternativa senão se submeter a seu comando. Covas e seus companheiros mais íntimos ficaram irritados com a exploração que Ulysses fez em torno da visita do líder do PMDB ao presidente do PMDB, no Palácio do Planalto, quando ele assumiu interinamente a Presidência da República.

— Ele usou o Covas —, dizia um deputado da intimidade do líder do PMDB na Constituinte.

Covas procura avaliar o quadro partidário e nacional com seus companheiros. A noite de quarta-feira ele participou de um jantar no apartamento do deputado Fernando Lyra, com a presença de 19 parlamentares, quando foi lançada sua candidatura a Presidente da República. Na próxima quarta-feira, o líder do PMDB na Constituinte viajará para Curitiba, capital de Mato Grosso, a fim de participar das festividades de posse na Prefeitura daquela cidade, de Dante de Oliveira, entre as quais uma grande concentração pelas diretas já.

FOTOS: EUGENIO NOVAES



Mantido no Ministério, José Hugo volta a sorrir. Dante reassumirá a prefeitura de Curitiba

Confirmado, Hugo se recompõe com Newton

“Não é reaproximação nem afastamento, é apenas um contato de um ministro que vai continuar no Governo com o governador de um importante Estado da Federação”, justificou ontem o ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, depois de anunciar que na próxima semana deverá ir a Belo Horizonte manter conversações com o governador Newton Cardoso.

Ele afirmou que nunca houve nenhuma divergência de caráter pessoal com o governador mineiro e o “fato de preferir esta ou aquela pessoa para um cargo público é muito comum, é um fato político”. Depois de anunciar que permanecerá à frente do MIC devido a pedido do próprio Sarney, José Hugo destacou que o Presidente tem demonstrado agir rigorosamente de acordo com sua intenção própria, sem alterar “um centímetro” nas suas decisões. “Ele soma sempre, mas fazendo o que quer”, disse referindo-se às várias indicações visando substituí-lo no MIC.

O ministro José Hugo Castelo Branco, da Indústria e do Comércio, aceitou

o pedido do presidente José Sarney para permanecer no cargo e prosseguirá dando continuidade aos oito programas de insumos básicos e bens intermediários e à aprovação e implementação da política industrial, elaboradas durante sua gestão à frente do MIC. Com a certeza de sua permanência, José Hugo terminará de compor sua equipe garantindo que dois nomes não serão trocados: Jório Dauster, do Instituto Brasileiro do Café (IBC) e João Dória Júnior, presidente da Empresa Brasileira de Tisumo (Embratur).

O ministro informou que a reforma ministerial do presidente Sarney acaba no momento em que escolher o nome para ocupar o Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário. “Em relação ao MIC eu nunca ouvi do próprio Presidente declarações sugerindo mudanças”, disse ele destacando a superestimação da saída de alguns de seus assessores que deixaram o ministério nos últimos meses. Segundo ele, todos os que saíram ocupam hoje cargos de relevância em outras institu-

ções. “Estamos reprogramando mais um período de trabalho e existem claros que precisarão ser preenchidos”, informando que setores do MIC estão sendo definidos.

Na análise de um ano de gestão festa ontem pelo ministro foi destacado o trabalho de sua equipe frente ao setor alcooleiro, siderúrgico — que atualmente passa por um processo de saneamento financeiro — e do café que este ano já registrou a exportação de 10.600 milhões de toneladas do produto contra as 9.900 milhões exportadas no ano passado. O saneamento do setor sucro-alcooleiro, que constitui 405 usinas e destilarias em todo o País, está atualmente sendo analisado pelo Banco Central e será entregue ao Banco do Brasil, segundo José Hugo.

“Iremos sanear as empresas e os empresários saneáveis”, afirmou o ministro adiantando que o procedimento inclui a rolagem de parte da dívida de cerca de 500 milhões de dólares do setor — com presença substancial de dinheiro estrangeiro.

Peemedebistas atacam PMDB na Constituinte

O PMDB voltou a usar ontem o plenário da Constituinte para lavar sua roupa suja. Considerado “um partido doente”, “aos frangalhos”, pelo deputado Hélio Duque (PMDB-PR), foi ainda acusado pelo deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) de se encaminhar para repetir a “triste trajetória do PDS”, responsável no passado pela derrota da emenda Dante de Oliveira das diretas já. Hoje, a aspiração popular ameaçada pelo PMDB seria por diretas em 88, segundo o constituinte pernambucano.

Posta a crise a nu, o partido abriu os flancos para que o PFL investisse nela, com o deputado Erico Pegoraro (PFL-RS) citando os discursos peemedebistas para frisar a “inconstância do partido político PMDB”.

SER OU NÃO SER

O drama do PMDB, segundo o deputado Hélio Duque (PMDB-PR), é shakesperiano: ser ou não ser. “Sentimento: o PMDB, hoje, é um partido doente”, disse, lembrando que no último fim de semana oito peemedebistas, contrariando a história do partido, procuraram o senador Roberto Campos (PDS-MT), ministro do regime militar que se instalou no País em 64, para saber como votariam na Comissão da Ordem Econômica.

Com pesadas críticas à maneira como o presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, conduz o partido, Duque fez referências aos “convocotes no Lago Sul”, em que, durante reuniões regadas ao famoso licor de pera — “poire” — que faz as delícias do tripe, são definidos os destinos do partido. O mais grave, conforme frisou, é que dessa intimidade começam a fazer parte “para-queidistas chegados não no ontem, mas já no agora”.

Dentre os “para-queidistas”, Hélio Duque lembrou a figura do ministro da Irrigação, Vicente Fialho, que se filiou ao PMDB 15 dias antes de assumir o cargo, e acusou-o de promover a irrigação ao custo de oito a dez mil dólares o hectare, preço que no Paraná seria de apenas US\$ 1.500. “Um fato que precisa ser investigado”, frisou.

PRIMEIRA RECUSA

Pela primeira vez, o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), que diz sempre ter votado com o deputado Ulysses Guimarães, se recusou a atender a um pedido do presidente do PMDB. “Fui voz isolada na reunião de ontem (anteontem) para dizer com lealdade a ele que a minha convicção é a de que o povo brasileiro quer eleições di-

retas para presidente da República em 15 de novembro de 1988”, assegurou o deputado, da tribuna da Constituinte.

Maurílio reafirmou que não atenderá à orientação para apoiar o mandato de cinco anos, porque “é contra a natureza, a história, o programa e as lutas do nosso partido”. A reunião com Ulysses, destacou, teria sido o início de uma ofensiva “para repetir a triste trajetória do PDS”, que derrubou no passado a bandeira das diretas já.

“Não me intimidam ameaças; não tenho nenhum para indicar neste Governo nem nunca cruzei os batentes do Palácio para pedir fisiologismo ou indicar qualquer amigo para cargos públicos”, destacou, lamentando que “o sucessor do MDB, o PMDB, depositário das esperanças do povo brasileiro, esteja ameaçado de transformar-se num obstáculo à realização das aspirações da nossa população”.

TRAIÇÃO DENUNCIADA

Nos trilhos da Ferrovia Norte-Sul, à qual se declarou favorável, o deputado Oswaldo Sobrinho (PMDB-MT) foi a única voz a defender o partido na sessão de ontem. Uma defesa, aliás, mais ao presidente José Sarney, que segundo ele tem avançado muito no campo social e precisa contar com o apoio integral do PMDB.

Na segunda, encontro de paz com Covas

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, deverá se encontrar com o senador Mário Covas na próxima segunda-feira. Preocupado com a repercussão negativa da reunião que promoveu com os coordenadores de bancadas, pediu ontem ao deputado Antônio Perosa que marque, o mais rapidamente possível, um encontro com o líder do partido na Assembleia Nacional Constituinte.

Ulysses convidou ontem o deputado Antônio Perosa (SP) — um dos fiéis escudeiros do senador Mário Covas — à sua casa, sob a alegação de que precisava resolver uma questão de proporcionalidade dos partidos na Comissão de Ordem Econômica e aproveitou a oportunidade para falar da necessidade de unificação do partido no trabalho de elaboração do texto constitucional.

DESCONTENTAMENTO

O presidente do PMDB está ciente de que o senador Mário Covas reagiu mal à reunião que ele pro-

moveu com os coordenadores de bancadas, na última quinta-feira, para traçar uma estratégia de trabalho do partido na Assembleia Nacional Constituinte.

O problema é que quem deve coordenar e até tomar a iniciativa nesse sentido é o líder na Constituinte, e este sequer foi convidado por Ulysses Guimarães para participar da reunião. Ao final, soube-se porque Ulysses fez um apelo a todos os coordenadores para que defendam o mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. Covas, todo mundo sabe, quer eleições presidenciais em novembro do ano que vem.

DIRETAS JÁ

O que deixou Ulysses preocupado, e o fez procurar, o mais rapidamente possível, um encontro com o senador Mário Covas, foi a advertência de que o deputado Antônio Perosa lhe fez, de que a alternativa dos grupos mais progressistas, da forma como se encaminham as coisas, é insistir nos quatro anos, o que, fatalmente, levará às

ruas uma nova campanha por diretas já.

A expectativa é que o senador Mário Covas e o grupo que o acompanha compareçam à posse de Dante, apesar do trabalho que está sendo feito para esvaziar a cerimônia. O comparecimento do líder do partido na Constituinte seria, na opinião de alguns, a sua resposta à descondição do presidente do PMDB em não convidá-lo para uma reunião onde ele deveria ser a peça mais importante.

ISOLAMENTO

É evidente a tentativa de isolamento do senador Mário Covas, ele que insiste na tese dos quatro anos, contra a vontade do deputado Ulysses Guimarães e, principalmente, do presidente José Sarney. Ontem o líder do Governo, Carlos Sant'Anna, disse que “estou torcendo para que o Covas se insira nesse processo” de unificação do partido, numa demonstração clara de que tudo está sendo articulado às costas ou, pelo menos, sem a partici-

pação do líder na Constituinte.

O senador Fernando Henrique Cardoso, líder do partido no Senado, observou que “há uma polarização muito grande, com o grupo denominado Centro Democrático tentando colocar o Covas como líder da esquerda”. E afirmou que “eu não participo de qualquer movimento no sentido de isolar o Covas”.

GRUPO

O senador José Richa, favorável aos cinco anos de mandato do presidente José Sarney e para os futuros presidentes da República, disse que “uma reunião para traçar estratégias de trabalho na Constituinte, sem o Covas, não é reunião, não tem validade”.

E observou que não é competência do presidente do partido, Ulysses Guimarães esse trabalho e sim do líder na Constituinte argumentando que não se busca a unidade do partido dessa forma, em torno de uma questão não programática, como o mandato presidencial.

Fernando Henrique contra discriminação

O senador Fernando Henrique Cardoso disse, ontem, não saber se o acordo de Ulysses Guimarães com a facção conservadora do PMDB representada pelos 17 coordenadores de bancadas destina-se a isolar Mário Covas, mas está certo de que esse grupo mais à direita do partido quer identificar o líder do PMDB como líder do radicalismo de esquerda. “Eu não entro em nenhuma tentativa para isolar Covas”, advertiu Fernando Henrique.

Depois de ter recebido visita do líder do Governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, que foi pedir sua colaboração a um esforço para pacificar as duas correntes ideológicas em que se divide o partido em cada comissão temática, para obter decisões consensuais, Cardoso disse que, à noite de anteontem, Ulysses já lhe tinha defen-

dido essa idéia com a qual concorda.

O líder da bancada do PMDB no Senado disse que, se for para chegar a um leito comum, está disposto a ajudar, mesmo porque não compreende uma Carta Constitucional, fruto de uma assembleia plural ideologicamente, que não seja também plural. A Constituição, insistiu Cardoso, não pode ser marcada por contradições gritantes.

— Se a esquerda tudo considerar direita radical e se o outro lado fizer a mesma coisa, não se chega a lugar nenhum —, disse —. Se o Dr. Ulysses fizer uma mera aliança com os conservadores isso não ajudará o processo. Ulysses deve atuar em todo o universo da Constituinte e não apenas no do PMDB. Deve procurar as lideranças de todos os partidos, como disse quando relator do projeto

do Regimento da Constituinte.

Fernando Henrique Cardoso fez uma avaliação do trabalho realizado pela Constituinte no primeiro estágio de sua tarefa, ou seja, a ação das subcomissões, concluindo que o resultado não é positivo. Disse que a Constituinte não pode ter algumas subcomissões muito à esquerda e outras com conclusões muito retrógradas. Em seu entender, o ideal é que haja um certo equilíbrio nas decisões revelando uma média de opiniões.

— Não podemos ficar com decisões avançadas na área social e decisões retrógradas na área econômica, como ocorreu —, disse —. E preciso haver uma área mais ampla de consenso aqui. Estou disposto a mexer ao redor de grandes temas constitucionais. Fernando Henrique Cardoso recusou-se a analisar

mais demoradamente o acordo de Ulysses com os conservadores, sustentando que não tinha qualquer informação da reunião de anteontem, ao almoço, entre o presidente do PMDB e os coordenadores de bancadas. Disse que esteve ontem à tarde com Mário Covas, logo depois do almoço, e ambos de nada sabiam — mesmo porque não foram convidados para o almoço.

O líder do PMDB no Senado recusou-se a estender-se em considerações sobre a tentativa de isolamento de Covas, argumentando que não deseja agravar situações “se está dedicado a convergências”. Mas deixou claro que alguns relatórios, como os que privatizam a exploração de gás e o refino e distribuição de petróleo, de um lado, e certas questões trabalhistas, à esquerda, não podem ficar como estão. Será necessário buscar o entendimento.